

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE JARDIM  
CURSO DE LETRAS**

**WALQUÍRIA RODRIGUES VILALBA**

**A METALITERATURA EM LOBIVAR MATOS – ANÁLISE DOS  
CONTOS: “O MUNDO É UMA LIVRARIA” E “MOURÃO, POETA E  
PROFETA”**

**2011**

**WALQUÍRIA RODRIGUES VILALBA**

**A METALITERATURA EM LOBIVAR MATOS – ANÁLISE DOS  
CONTOS: “O MUNDO É UMA LIVRARIA” E “MOURÃO, POETA E  
PROFETA”**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, realizada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação Português/Inglês, pela UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-Unidade de Jardim, sob a orientação da Professora Dra. Susylene Dias de Araújo.

**2011**

## FICHA CATALOGRÁFICA

**VILALBA, Walquíria Rodrigues. “A metaliteratura em Lobivar Matos-Análise dos contos *O mundo é uma livraria e Mourão, poeta e profeta*”. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade de Jardim, 42 p. 2011.**

1- Literatura

2. Contos sul matogrossenses

3. Metaliteratura

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias desse trabalho de Conclusão de Curso somente para propósitos acadêmicos e científicos.

---

Walquíria Rodrigues Vilalba

**WALQUÍRIA RODRIGUES VILALBA**

**Comissão Julgadora**

---

**Prof. Dra. Susylene Dias de Araújo**

---

**2º Examinador**

---

**3º Examinador**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter proporcionado forças para completar este trabalho;

À minha família, pela força, companheirismo e dedicação;

Aos professores da UEMS, por dividir todo conhecimento durante esses quatro anos de estudo;

À minha orientadora Dra. Susylene Dias de Araújo, pelo acompanhamento, amizade, paciência, no decorrer da confecção da presente pesquisa;

Aos colegas de sala, pelas amizades construídas diariamente nos últimos anos;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação acadêmica.

Dedico este trabalho de conclusão de curso à  
minha mãe, pelo incentivo, amor e dedicação  
incondicionais.

Eu sou o poeta desconhecido (...)  
Trago comigo, a minha alma presa,  
A inútil esperança da vitória  
A bondade de minha gente  
Fulgura, cintilante nos meus feitos,  
Rola estuante de harmonia, nos meus gestos  
E floresce, orvalhada de luz, nas minhas  
atitudes. (MATOS, Lobivar. **Destino do  
poeta desconhecido**. In: *Areôtare*, 1936- p.  
09-11)

## RESUMO

Para este trabalho, a seleção dos contos “O mundo é uma livraria” e “Mourão, poeta e profeta”, de Lobivar Matos, foi determinada pela semelhança da temática predominante em ambos e por reunir elementos que aproximam o texto à vida do poeta. Nessas narrativas, os protagonistas criticam e vivenciam uma relação complicada com a escrita e a literatura, assim como o que pode ser observado até hoje sobre Lobivar, cuja obra ainda não foi totalmente publicada. Além de realizarmos a análise estrutural dos contos, observando as visões de cada personagem sobre a vida literária, comparando as semelhanças e diferenças entre os protagonistas, reconheceremos o papel da metalinguagem como metacrítica e seu caráter fundamental para a formação de tais narrativas.

**Palavras- Chave: Literatura sul-mato-grossense; Contos; Metaliteratura**



## **ABSTRACT**

For this work, the selection of short stories *O mundo é uma livraria e Mourão, poeta e profeta*, by Lobivar Matos was determined by the similarity of the theme in both dominant and putting things together that bring the text to the poet's life. In these narratives, the protagonists experience a critical and complicated relationship with writing and literature, as well as what can be seen today on Lobivar, whose body of work remains unpublished in full. In addition to performing structural analysis of the stories, noting the views of each character on the literary life, comparing the similarities and differences between the protagonists, we recognize the role of metalanguage as metacriticism and his character as central to the formation of such narratives.

**Keywords: Souther-Mato-grossense Literature; Short stories; Metaliterature**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO I - A FORMA LITERÁRIA “CONTO”: ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS</b>	
1.1- Origem histórica do conto	12
1.2- Características gerais do conto	13
1.3- Personagens, estrutura e linguagem	16
1.4- Trama, pontos de vista e tipos de contos	17
1.5 - A literatura em Mato Grosso do Sul	19
<b>CAPÍTULO II - LOBIVAR MATOS</b>	
2.1- A vida de um poeta do povo	22
<b>CAPÍTULO III – O CONTISTA LOBIVAR MATOS: UM MUNDO A SER DESCOBERTO</b>	
3.1- Crítica metalinguística	26
3.2- <i>O mundo é uma livraria</i>	27
3.3- <i>Mourão, poeta e profeta</i>	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	41
<b>ANEXOS</b>	42

## INTRODUÇÃO

Sempre que pensamos em contos, nos vem à memória uma narrativa curta, relatando algum episódio da vida. Todavia a história dessa forma narrativa remonta a Idade Antiga. Alguns estudiosos acreditam que o conto tenha surgido milhares de anos antes de Cristo, no conflito de Caim e Abel. Assim, a proposta em analisar o papel da literatura em contos de um escritor até então pouco estudado em nosso estado surgiu como uma forma de incentivar a leitura de Lobivar Matos, o escritor e poeta corumbaense, autor de livros de poesia reconhecidos e admirados por críticos e também produtor de contos ainda não publicados.

Para este trabalho, a seleção dos contos “O mundo é uma livraria” e “Mourão, poeta e profeta”, de Lobivar Matos, foi determinada pela semelhança da temática predominante em ambos e por reunir elementos que aproximam o texto à vida do poeta. A escolha desse tema deve-se ao fato do poeta sul-mato-grossense Lobivar Matos, apesar de ainda desconhecido para muitos, ter sofrido, nas últimas décadas um crescente processo de descoberta e estudos, todavia, poucos conhecem a sua faceta de contista. Diante disso, a escolha de dois de seus contos inéditos para análise representa um avanço importante na valorização da obra em prosa do autor e que ainda não foi publicada.

Ambos são contos metalinguísticos, pois abordam a questão do fazer literário a partir de prismas diferentes: no conto “O mundo é uma livraria”, a literatura é vista pelo protagonista como algo supérfluo e sem valor e no conto “Mourão, poeta e profeta” o protagonista vive para a literatura, sem nenhum apego ao material, o que lhe interessa é o mundo dos intelectuais, das ideias. Em ambas as narrativas os protagonistas criticam e vivenciam uma relação complicada com a escrita e a literatura, assim como o que pode ser observado até hoje sobre Lobivar, cujo conjunto da obra em totalidade contínua inédito.

Após estabelecer o objetivo geral que irá nortear o presente trabalho: analisar o papel da metalinguagem como metacrítica e seu caráter fundamental para a formação das narrativas estudadas, elaboramos os seguintes objetivos específicos, que constituem o *corpus* da pesquisa:

- Enfatizar a relação mantida entre o poeta Lobivar Matos e o povo, perpassando por questões econômicas e sociais que atingiam sua cidade natal (Corumbá).

- Relatar algumas das características mais marcantes do poeta e também contista (seus contos ainda permanecem inéditos) durante sua carreira de escritor.
- Realizar a análise estrutural de ambos os contos, observando as visões de cada personagem sobre a vida literária, comparando as semelhanças e diferenças entre os protagonistas para em seguida enfatizar o papel da metalinguagem nessas narrativas.

Para fundamentar toda a pesquisa, sobre a temática do conto foram utilizados autores: Júlio Cortazar (1974), Salvatore D'Onofrio (2004), Nádia B. Gotlib (2006), Luzia de Maria (2004), Massaud (1967). Sobre os estudos da vida e obra de Lobivar Matos, pesquisamos as obras de: Susylene Dias de Araújo (2009) e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2000).

Como metodologia, a pesquisa apresenta um cunho bibliográfico, resgatando trabalhos inéditos do poeta Lobivar Matos, sendo realizada a partir das seguintes etapas:

- Leitura do material teórico a respeito da estrutura do conto e da vida de Lobivar Matos;
- Realização do projeto de pesquisa, com formulação do tema, objetivos e fundamentação teórica;
- Resenha dos teóricos selecionados;
- Análise de dois contos de Lobivar Matos, enfatizando a questão metalinguística;
- Conclusão

Sendo assim, esta pesquisa apresenta a seguinte subdivisão: o capítulo I limita-se a uma breve retrospectiva sobre a origem e características centrais do conto enquanto gênero literário. No capítulo II o leitor encontrará os principais fatos cronológicos referentes à vida do poeta e contista Lobivar Matos: sua saída de Corumbá, a carreira no Rio de Janeiro e a relação de amor e simplicidade com sua cidade natal.

O capítulo III apresenta a análise dos contos selecionados, relatando os aspectos semelhantes com a vida do poeta. E por fim, na conclusão retomaremos ao objetivo proposto no início, observando sua realização e enfatizando a necessidade de novos estudos, deixando um espaço ainda vazio a ser preenchido por novas análises e descobertas a respeito de uma obra relativamente curta, comparada com outros poetas, mas de uma incrível pulsão humana.

## CAPÍTULO I – A FORMA LITERÁRIA “CONTO”: ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS

### 1.1 Origem Histórica do Conto

De acordo com Maria (2004, p. 09), em sua forma inicial, o conto era uma narrativa oral, contada em noites de lua quando os antigos povos se reuniam para matar o tempo, geralmente eram histórias ingênuas de bichos, lendas populares ou mitos antigos.

Segundo Moisés (1967, p. 29) a palavra “conto” pode significar um número, uma historieta ou até mesmo a extremidade inferior de uma lança ou bastão. Na Idade Média significava a enumeração de objetos e mais tarde uma resenha ou descrição de acontecimentos.

Segundo Gotlib (2006), o teórico Propp reconheceu duas fases na evolução do conto, a primeira como pré-histórica, onde o conto e o relato sagrado se confundiam. Nessa fase religiosa, os mais velhos contavam aos jovens suas origens, para ajudar a desenvolver neles o amor por sua cultura, e os ensinamentos necessários para a vida adulta.

A segunda fase é a da história do conto, quando ele se liberta da religião e passa a ter vida própria, os narradores que antes eram apenas sacerdotes ou pessoas mais velhas, passam a ser qualquer pessoa. Assim, os relatos perdem o seu significado religioso e o conto passa a ser narrado com liberdade e criação artística.

Porém, a partir do século XIV o conto começa a se firmar como uma categoria estética, passando da oralidade para a escrita, surgindo várias teorias acerca do seu surgimento. Moisés (1967) afirma que, de acordo com a Teoria Indo-européia, dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm, a origem do conto remontaria aos mitos arianos, em circulação na Pré-história da Índia. Já a Teoria Etnográfica, de Andrew Lang na Inglaterra considera que o conto nasceu ao mesmo tempo em várias culturas, geograficamente afastadas.

Foi somente no século XVI que a palavra adquiriu sentido próprio, a partir do primeiro contista Gonçalo Fernandes Trancoso, autor do livro *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575).

Foi na Idade Média que o conto melhor se desenvolveu, com o autor Giovane Boccaccio (*Decameron*) e Chaucer (*Canterbury Tales*), sendo que nos séculos seguintes passou a ser largamente cultivado, principalmente na Itália.

A partir do século XVII o conto se dividiria em formas simples e rebuscada. Enquanto que as primeiras estavam ligadas ao folclore, onde a linguagem permanecia fluida, aberta, dotada de mobilidade e capacidade de se renovar sempre, a segunda possuía uma linguagem fechada e própria, apresentando um autor desligado da tradição folclórica, colhendo nas atualidades os temas e as formas de narrar.

Já no século XVIII, o conto passou a ser confundido com a novela e o romance, tanto que, ao longo do Romantismo mundial, a palavra “conto” era empregada como uma narrativa popular, fantástica, inverossímil.

Conforme Moisés (1967. p. 31), somente nas últimas décadas do século XIX, com o Realismo que o conto literário passou a ser cultivado amplamente com certo requintamento formal.

No século XIX o conto viveu outra época de esplendor, pois além de se tornar definitivamente uma forma artística, ganhou estrutura e andamentos característicos, de acordo com sua essência e seu desenvolvimento histórico.

Assim, ao longo de sua história, o conto talvez tenha sido a mais flexível das formas literárias, porém mesmo com todas as mudanças ele se manteve estruturalmente uno, essencialmente idêntico em relação a sua brevidade.

## **1.2. Características gerais do conto**

Para Gotlib (2006, p.11), é possível interpretar a palavra “conto” a partir de três significações: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso e 3. fábula que se conta às crianças.

Segundo D’Onofrio (2004), as principais características de um conto: é produzido por um autor historicamente conhecido, refere-se a um episódio da vida real, não verdadeiro, mas verossímil, ou seja, apesar do fato narrado não ter acontecido no mundo real, poderia acontecer.

Gotlib (2006) afirma que o conto não tem compromisso com o evento real, pois a realidade e a ficção não são delimitadas com clareza, já que o conto é inventado. O que existe são graus de proximidade ou não com o real, pois vivemos tanto numa realidade cotidiana quanto em uma realidade fantasiada também.

Dessa forma, o conto é uma narrativa curta, o foco narrativo geralmente é único: centrado no narrador onisciente ou em um personagem e a fábula é reduzida a apenas um episódio da vida.

D'Onofrio (2004) afirma que a diminuição dos elementos estruturais confere ao conto uma grande densidade dramática, isto é, o contista tem uma idéia fundamental a expressar, inventa uma pequena história com alguns personagens, cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra.

De acordo com Cortazar (1974, p. 148), o conto interessa ao seu autor por ser uma maneira dele entender o mundo que o cerca. Para ele, o critério fundamental do conto seria sua noção de limite numa leitura rápida, tanto que para os franceses o texto que excedesse 20 páginas não seria mais um conto e sim uma novela.

Para o autor Cortazar (id) o sucesso dos contos a partir do século XIX ocorreu principalmente porque o ritmo de vida das pessoas havia mudado e não tinham tanto tempo para lerem textos grandes, preferindo assim a dinamicidade dos contos.

De forma geral Cortazar (1974, p. 149) classifica o gênero “conto” como difícil de se definir, esquivo e múltiplo em seus aspectos contraditórios e até mesmo secreto, voltado para si mesmo como um “caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia”.

Para escrever contos não há leis, no máximo pontos de vista, os quais irão permitir ao escritor delinear uma estrutura possível ao gênero estudado. Por isso, para se ter uma idéia do conto, é preciso pensar no abstrato, já que ele se move no plano do homem, onde a vida e a expressão escrita dessa vida lutam entre si, resultando então no próprio conto.

Cortazar (1974, p. 149) enfatiza que em todos os gêneros conto existem certos valores que são gerais, e são esses elementos invariáveis que contribuem para o conto ter uma atmosfera peculiar e ser denominado de obra de arte.

Assim, o conto parte da noção de limite físico. O contista sente a necessidade de escolher e limitar um acontecimento que seja significativo e que seja capaz de atuar no leitor como uma abertura que vai muito além do argumento do conto. Por isso, a elaboração de um conto também resulta de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos, ou seja, o conto, assim como outra obra literária, é produto de um trabalho consciente, realizado por etapas, conquistando um efeito único, isto é, o contista concebe com cuidado o efeito singular que deseja causar em seus leitores e a partir daí inventa certos incidentes e combina

os acontecimentos para atingir o efeito pretendido, sendo fundamental a economia dos meios narrativos, onde cada palavra deve ter sua função preestabelecida, trata-se de conseguir o máximo de efeitos com o mínimo de meios.

A respeito do tema do conto, Cortazar (1974) diz que essa escolha não é uma tarefa simples, às vezes o contista escolhe, em outras ocorre o contrário, mas o que leva o contista a escolher ou ser escolhido por determinado tema? O tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas esse adjetivo não diz respeito a algo misterioso e insólito, ao contrário, pode tratar de uma história trivial e cotidiana que envolve várias noções, sentimentos e toca na sensibilidade do leitor.

Para o autor não existem temas bons ou ruins, mas sim, um tratamento bom ou ruim desse tema. O conto, na maioria das vezes, trata de um assunto banal, cotidiano, e é o escritor quem dará vida a esse conto. Por isso existem temas que são significativos para um escritor e não desperta nada em outro, logo não existem temas absolutamente significantes ou insignificantes, o que há é uma aliança completa entre um escritor e um determinado tema. Da mesma forma, será com os leitores, os quais receberão o conto cada um à sua maneira, sob diferentes percepções.

Cortazar (1974) enfatiza alguns conceitos essenciais à formação do conto, como intensidade, tensão, equilíbrio e extensão. Para que o conto tenha intensidade, força e energia própria é necessário uma economia drástica em sua elaboração. Para o autor, a qualidade do conto será atingida, se o contista trabalhar o texto verticalmente, isto é, em profundidade no pequeno ambiente do conto, de tal forma que, tempo e espaço sejam condensados, sendo expostos a uma alta pressão espiritual e formal, produzindo na narração a almejada tensão.

Para Soares (1989, p. 54), o conto indica uma forma narrativa de menos extensão, possuindo características próprias. Esse tipo de narrativa aparece como uma amostra, um flagrante, pelo qual vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.

Segundo Gotlib (2006, p. 29), a marca principal do conto tradicional é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. No decorrer de sua evolução houve uma mudança de técnica e não de estrutura. Assim, segundo o modo tradicional de narrar, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final, já no modo moderno, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se.



Segundo Moisés (1967, p. 40), o conto é uma narrativa unívoca, univalente, formando uma unidade dramática a partir do momento que gira em torno de um único conflito, por isso é marcado por uma unidade de ação, essa ação dos personagens protagonistas pode ser externa (quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo) e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. A existência de um único conflito está relacionada com a concentração de efeitos e de pormenores, onde cada frase tem um papel muito bem definido na trama.

Desse modo, o conto constitui o recorte da fração decisiva e mais importante, do ponto de vista dramático de um acontecimento, os protagonistas abandonam o anonimato no momento privilegiado, para que o tempo anterior funcione como um preparativo daquele instante em que o destino joga com a vida dos personagens.

Moisés (id, p. 43) afirma que, a unidade de ação condiciona as outras características do conto, a começar pela noção de espaço, que também é muito reduzida, geralmente uma rua, um quarto, para que o enredo se organize, sendo raro os protagonistas se movimentarem para outros lugares.

Da mesma forma, as unidades de tempo e lugar que também são reduzidas determinam o número das personagens envolvidas, a estrutura e a linguagem da trama como será observado a seguir. Com isso, observamos as várias tentativas de se definir a teoria do conto, sem chegar a nenhuma definição concreta, por isso é interessante aceitar diversos pontos de vista e realizações dessa forma literária no decorrer da História da Literatura.

### **1.3. Personagens, Estrutura e Linguagem**

De acordo com Moisés (1967, p. 50), o centro de gravidade do conto deve girar em torno de duas pessoas, o restante dos personagens fazem apenas um cenário para o desenrolar dos acontecimentos; agem como coadjuvantes.

Seguindo o sentido de unidade do conto, as personagens são estáticas ou planas, ou seja, geralmente permanecem imobilizadas no tempo, no espaço e nos traços de personalidade, mostrando ao leitor apenas a faceta de seu caráter que mais interessa ao drama em questão, a vida das personagens dura apenas o tempo da narrativa, terminada esta, o contato se desfaz.

Em relação à estrutura do conto, o autor (id, p. 52) o compara à técnica fotográfica, na qual o fotógrafo concentra sua atenção num ponto apenas e não na totalidade de pontos que pretende abranger no visor, ou seja, é objetiva e clara.

Da mesma forma a linguagem deve ser objetiva, plástica e utilizar metáforas curtas, de imediata compreensão para o leitor. O conto prefere a linguagem direta, concreta. Dentre os componentes da linguagem do conto, o diálogo, sendo o mais importante, merece destaque. A maioria dos contos apresenta diálogos, isso ocorre porque os conflitos, os dramas residem mais nas falas do que nos atos, sem diálogo não há discórdia e conseqüentemente não há enredo, nem ação.

Portanto, o diálogo constitui a base expressiva do conto, podendo ser classificados em quatro tipos: diálogo direto (quando o contista põe as personagens a falar diretamente e representa a fala com um travessão ou aspas), diálogo indireto (o contista resume a fala das personagens em forma de narrativa), diálogo indireto livre (consiste na fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre narrador e personagem) e diálogo ou monólogo interior (é aquele que se passa dentro da mente da personagem, esta fala consigo mesma).

Moisés (1967, p. 57) afirma que, no conto predomina a primeira forma de diálogo, pois a mesma permite ao narrador colocar o leitor diante dos fatos, como participante direto e interessado.

Outro elemento importante é a narração, ou o relato dos acontecimentos, envolvendo ação e movimento. No conto funciona como uma condensação dos pormenores ligados ao passado, remoto ou próximo que interessam ao desenvolver da ação. Ao lado da narração, a descrição também desempenha um papel importante, conforme o tipo de história. Os contos realistas detinham-se mais no esboço de personagens e paisagens porque acreditava-se na sua interação dentro da arquitetura do conto. Geralmente a descrição dos protagonistas é rápida, as personagens se diferenciam mais pelo contorno dramático ou psicológico, enquadrados numa situação única, irrepetível.

#### **1.4. Trama, Ponto de vista e Tipos de Contos**

Moisés (1967, p. 65) afirma que, a trama pode ser entendida como sinônimo de enredo, sendo caracterizada por sua linearidade. No epílogo o leitor conhece os momentos anteriores ao clímax dramático, a precipitação preside o conto desde a abertura para explodir no conflito, de acordo com o princípio das unidades dramáticas.

Em relação ao ponto de vista ou foco narrativo, existem quatro especificações: a personagem principal narra sua história, uma personagem secundária narra a história da

personagem central, o narrador, analítico ou onisciente conta a história e o narrador conta a história como um observador. Cada um desses focos apresenta vantagens e desvantagens para o ficcionista, ora favorecendo ora limitando a possibilidade de visualizar o panorama em que a narrativa transcorre.

No primeiro foco narrativo, o narrador emprega a primeira pessoa (singular ou plural), limita-se à área da fabulação, restringindo-a ao narrador. Nesse caso, é possível ter uma visão parcial da realidade, pois a protagonista irá interpretar a história conforme o seu ângulo pessoal. O emprego da primeira pessoa também pode conferir unidade à narrativa, devido à concentração de efeitos, já que um dos requisitos essenciais para que o conto se realize é a presentividade, concretizada no uso da primeira pessoa.

No segundo ponto de vista a atmosfera de oralidade não existe mais, pois como se trata de uma personagem secundária que conta a história da principal, a distância entre o leitor e a narrativa aumenta, já que os acontecimentos se passam com uma terceira personagem. Assim, por apresentar mais dificuldades que vantagens, esse segundo ponto de vista é pouco empregado.

Segundo Moisés (1967, p. 70), no terceiro foco narrativo o narrador acompanha as personagens a todos os lugares, penetra-lhes na intimidade e conhece todos os seus pensamentos, frustrações e medos, porém, as proporções físicas do conto limitam a sondagem interior, a qual passa a ser feita apenas no protagonista e de maneira superficial.

No último ponto de vista o narrador torna-se observador, vê-se compelido a contar apenas o que registrou, o narrador evita de intrometer-se na história, desenvolve-a como observador que pôde vislumbrar o máximo segundo a perspectiva em que se coloca. Devido aos limites do conto, o autor precisa eleger um foco para cada narrativa, no conto moderno, porém, é comum a coexistência de vários enfoques.

Segundo Moisés (id, p. 73), apesar dos contos veicularem uma única impressão, podem ser agrupados em vários tipos, conforme sua matéria, mas o objetivo do narrador continua a ser o de produzir um único efeito no leitor. Quando falamos em tipos de contos, temos em mente as diferentes formas de unir os seus ingredientes e seu ajuste harmônico no interior da narrativa. Assim, os contos podem se dividir em duas categorias: universais e regionais, subdivididos em contos humorísticos, psicológicos, sentimentais, de aventura, de mistérios, policiais, etc.

Grabo (1913) (*apud* Moisés, 1967, p. 74), um dos pioneiros no estudo do conto, sugere uma outra divisão em cinco grupos: histórias de ação, histórias de personagens, histórias de cenário ou atmosfera, histórias de ideias e histórias de efeitos emocionais. O conto de ação é mais comum, pois são narrativas de entretenimento, esse tipo de conto é marcado por sua linearidade, todavia a predominância da aventura não significa a ausência de outros componentes que aparecem em um grau inferior.

O conto de personagem é menos frequente, onde o retrato do protagonista pode consistir no principal objetivo do contista; ao centrar sua atenção nele, o narrador perde de vista a estrutura própria do conto com seu ritmo e unidade peculiares.

O conto de cenário é menos frequente que os dois anteriores; a ênfase dramática recai no cenário, no ambiente, de modo a transformá-lo no verdadeiro protagonista do conto. O conto de idéia é mais comum, predominando no século XV. Voltaire foi um dos mestres nesse tipo de conto que trabalha uma visão crítica, filosófica da existência, na qual o autor procura oferecer uma síntese de suas observações a respeito dos homens e do mundo. O principal objetivo do autor é tornar os recursos técnicos como instrumentos ou concretização da ideia, a qual emerge das situações e das personagens.

O conto de emoção geralmente vem mesclado ao da ideia. Segundo Moisés (1967, p. 80) personagens, ação, paisagem, tudo converge para o objetivo central que é despertar emoção, à medida que o leitor progride na história, experimenta um sentimento misto de curiosidade e sofreguidão, como é possível observar nos contos ainda não publicados do poeta analisado no presente estudo: Lobivar Matos.

Apesar de estar sendo muito estudado enquanto poeta, Lobivar Matos também foi um grande contista, porém seus contos não foram publicados, o que resulta no desconhecimento da obra do autor em prosa. No capítulo a seguir iremos conhecer o poeta a partir dos seus dados biográficos e de suas principais obras publicadas.

### **1.5. A Literatura em Mato Grosso do Sul**

Segundo Magalhães (2001), se avaliarmos a produção literária mato-grossense anteriormente à divisão do Estado, levando em consideração a quantidade e a qualidade de pesquisas e trabalhos publicados sobre o tema, somos impelidos a afirmar que não existe uma literatura em Mato Grosso. Todavia nos últimos anos muito se tem feito para melhorar essa

situação a partir de estudos de novos pesquisadores, interessados em demonstrar ao restante do país a riqueza literária em nosso estado.

Já no século XX, a cidade de Cuiabá ainda estava isolada do resto do país, mesmo assim a vida cultural tem início a partir das produções teatrais, e foi em meio aos movimentos da vida cultural que surgiram os primeiros grandes escritores mato-grossenses do século XX, dentre os quais: Dom Aquino, José de Mesquita, Indalécio Proença, Arlinda Morbeck, entre outros.

O momento histórico que interessa para o presente trabalho envolve as décadas de 30 e 40. O governo Getúlio Vargas trouxe para o estado um impulso político, econômico e social muito grande, traduzido em modernos meios de comunicação, acarretando melhoria nos serviços de correio, telégrafos, transportes, etc. Conforme Magalhães (2001), a década de 1930 marca a descoberta de minérios na região leste do Estado, com a consequente colonização dessa área, originando novos núcleos econômicos e sociais.

Em relação às atividades culturais, em 1940 ocorreu a inauguração do Cine Teatro Cuiabá, surge também um grupo de teatro amador. No que se refere à literatura local, encontramos uma produção que transita entre o antigo e o moderno, conjugando forças progressistas e conservadoras. Na linha progressista surgem nomes como Lobivar Matos e Manoel de Barros. Todavia, esses autores ainda convivem com escritores que permanecem mergulhados na estética do século anterior, motivo pelo qual a melhor definição da literatura mato-grossense dessa época seja a de uma literatura plural e variada.

Mesmo distante da metrópole, a cidade de Cuiabá sempre gozou a fama de ser culta e enquanto permaneceu isolada dos grandes centros do país, viveu um intenso brilho e notável desenvolvimento cultural, com a criação de um grande número de entidade de ensino, associações culturais e órgãos de imprensa.

Magalhães (2001) enfatiza que, após a Segunda Guerra Mundial, quando houve melhorias significativas nos meios de transporte e comunicação, Cuiabá passou por um período de relativa estagnação em suas atividades culturais. Em relação à literatura, é exatamente a partir de 1930 que essa atividade começa a florescer no Estado, dando surgimento a textos de ótima qualidade estilística e estrutural.

Mesquita (*apud* Magalhães, 2001) escreve que a literatura em Mato Grosso apresenta dois aspectos característicos, que a definem e a completam: o da bravura e o da melancolia,

resultantes de circunstâncias históricas e mesológicas. De acordo com o autor toda a obra mato-grossense é feita de amargura e conformação, os nossos poetas amam a penumbra discreta dos interiores velados, cheios dessa tonalidade outonal e crepuscular.

A partir de 1930 o mapa da produção literária mato-grossense começa a se modificar substancialmente, vários são os fatores que concorrem para isso, como: o grande número de grêmios e revistas literárias emergentes, a criação da Academia Mato-grossense de Letras e a Política de Integração Nacional, de Getúlio Vargas, facilitando o intercâmbio de ideias dos intelectuais de Mato Grosso com os do eixo Rio-São Paulo.

Nos dois momentos estudados (1930 e 1940) verificou-se o surgimento de poetas de grande importância para a integração do Estado à estética nacional, dentre os quais destaca-se o autor analisado nesse estudo: Lobivar Matos.

## CAPÍTULO II - LOBIVAR MATOS

### 2.1 A vida de um poeta do povo

Um dos objetivos principais desse trabalho é enfatizar a relação mantida entre o poeta e o povo, passando por questões econômicas e sociais que atingiam sua cidade natal. Assim, além de fazer referência a fatos de sua curta vida, a partir dos estudos e pesquisas, pretendemos relatar algumas das características mais marcantes do poeta e também contista (seus contos ainda permanecem inéditos) durante sua carreira de escritor.

Lobivar Matos nasceu no dia 12 de janeiro de 1915, filho de Manoel Augusto de Matos e Brasília Nunes de Matos, na cidade de Corumbá/MS. Teve uma infância comum e foi apenas no início da adolescência que as mudanças começaram a acontecer em sua vida.

Aos 13 anos mudou-se para Campo Grande e logo teve que enfrentar a morte da mãe, passando a ficar sob a responsabilidade de parentes. Dedicou-se aos estudos em um conceituado educandário Salesiano da cidade.

Aos 18 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde publicou seus únicos dois livros de poemas *Areôtorare* e *Sarobá*.. Após a preparação para o ingresso na Faculdade Nacional de Direito, Lobivar continuou escrevendo poemas que mencionavam sua terra natal; movido por uma poética regional o poeta buscava sempre a condição de se tornar universal.

Em 1940 voltou para Corumbá, já casado e formado como advogado. Faleceu em 1947, aos 32 anos, no Rio de Janeiro.

Lobivar atualmente é um poeta em fase de redescobrimento e estudos em seu estado natal. Escreveu seus livros *Areôtare* e *Sarobá*, antes dos 20 anos de idade, na vanguarda de nosso Modernismo.

Muito original, o poeta usa o coloquialismo brasileiro com naturalidade, seu versilibrismo é original, com acentuada cor telúrica, regional, às vezes de forma ingênua, mas militante pela denúncia das mazelas e das precariedades da vida das populações ribeirinhas na zona fronteira de Corumbá.

De acordo com Magalhães (2001), Lobivar Matos reedita a profissão de fé drummondiana, ou seja, o seu compromisso com o “aqui e o agora”, traduzido em seu engajamento social. Tanto que os dois únicos livros publicados do poeta exploram as margens

do submundo, denunciando, com fortes traços naturalistas, o lado mais execrável da sociedade.

Como se pode ver, a literatura de Lobivar de Matos deixa escorrerem as lágrimas sufocadas do homem estrangulado pelo cotidiano de uma sociedade injusta, o que acaba fazendo com que seus poemas sejam essencialmente desolados e pessimistas. Não obstante, em raros momentos, a ingenuidade e a beleza inundam as páginas de **Areotorare...** (MAGALHÃES, 2001)

Na obra de Lobivar, o tom altaneiro ou racional adotado por seus contemporâneos cede espaço a uma linguagem desprovida de acessórios para delinear quadros do dia-a-dia de indivíduos massificados num cotidiano de pobreza e dominação.

Segundo Araújo (2009, p. 19), muitos classificam Lobivar Matos como um poeta regionalista, por ter uma produção literária voltada para o elemento local, negando a apresentação da expressão humana. Todavia, em sua essência Lobivar é mais moderno que regionalista, pois quando o escritor restringe sua poesia a falar de sua gente, consegue expressar-se com o universal, desvinculando-se de vez da concepção simplesmente regionalista.

De acordo com Miguel (1973, p. 179), a classificação do que é ou não regionalista não pode se limitar apenas aos livros que traduzem peculiaridades locais. Assim para estudar o regionalismo é necessário considerar a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, por isso podemos afirmar que o regionalismo aparece ligado também ao ruralismo e ao provincialismo.

O regionalismo entende o indivíduo como síntese do meio a que pertence, busca nas personagens não o que tem de íntimo e pessoal, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as do restante do mundo.

Conforme Miguel (idem, p. 180), o regionalismo coloca nas exterioridades e nas peculiaridades o seu acento mais forte, caindo num artificialismo teatral, sendo que até a narrativa se torna teatral.

O regionalismo puro traduz o desejo dos escritores fixarem os aspectos do viver de nossa gente, livre de influências estranhas. Esse movimento buscou uma certa ingenuidade de estilo afeiçoando-se à simplicidade e aos dialetos populares.

Segundo Magalhães (2001), a classificação “regional” é inadequada e só serve enquanto recurso didático, por isso, quando nos referimos a textos como sendo regionais, não



estaremos reduzindo-os à categoria de simples documentos geográfico-culturais, mas apenas evidenciando um aspecto que a obra apresenta.

Santos (*apud* ARAÚJO, 2009, p. 10), afirma que Lobivar sempre se preocupou com as questões sociais, pelas pessoas agredidas e pela própria vida. Pode-se afirmar que ele foi um poeta moderno na medida que não abriu mão de sua história, da sua gente, estabelecendo conexões humanas com o seu povo.

O poeta não pretende criar um mundo novo em sua poesia, ao contrário o homem representado em sua poesia é bruto, forjado na luta diária com os vários monstros sociais, seja a fome, o desemprego, a miséria. Lobivar dramatiza essa experiência assustadora do homem que procura uma vida melhor.

Ao dirigir-se a sua gente, o poeta apresenta-se como responsável pela arte do pessimismo não individual, mas relacionado à voz dos que padeciam por anseios, revoltas e durezas de uma realidade muito cruel.

Rauer e Rodrigues (*apud* ARAÚJO, 2009, p. 123), dizem que a poesia de Lobivar retrata a simplicidade e a humanidade do povo corumbaense. Refletem um pessimismo crônico, coisas humildes e os dramas dos miseráveis.

O significado de seu primeiro livro *Areôtorare* é o índio profeta, que reúne em si as experiências e as tradições de seu povo e as narra.

O segundo livro, *Sarobá*, designa um lugar sujo e perigoso no bairro da Nhecolândia e na cidade refere-se a um bairro de negros em Corumbá. Esses dois livros narram os dramas dos parias, para os quais o poeta aspira à redenção. Ele anuncia uma poesia que tratará da miséria, do abandono, da dor e dos gritos dos necessitados.

Conforme os autores Rauer e Rodrigues (*idem*, p. 126), a poética de Lobivar sempre esteve voltada para o povo e as questões sociais, usando uma linguagem própria que surpreende o leitor pelas imagens que evoca. Ele desprezou os modelos arcaicos, os temas surrados, preferindo uma arte literária universal, usando versos livres, linguagem simples, direta e objetiva.

Lobivar traz para o seu discurso poético a denúncia social e descreve com realismo as classes populares aliando a linguagem poética a um engajamento social e político. Conforme Santos (*apud* ARAÚJO, 2009, p. 133), os versos de Lobivar tematizam a grandeza das coisas simples.

Lins (2000, p. 97) afirma que, Lobivar foi rude ao tratar das questões sociais, sua voz soou intensa e extensivamente no Brasil inteiro. Segundo esse autor, a literatura de um povo não denuncia apenas sua sensibilidade e sua inteligência, mas suas condições de vida, feliz ou apreensiva, envolvendo um sofrimento moral, político e econômico.

## CAPÍTULO III – O CONTISTA LOBIVAR MATOS: UM MUNDO A SER DESCOBERTO

### 3.1 Crítica Metalinguística

O poeta sul-mato-grossense Lobivar Matos sofreu, nas últimas décadas um crescente processo de descoberta e estudos. Todavia poucos conhecem a sua faceta de contista. Diante disso, a escolha de dois contos inéditos para análise representa um avanço importante na valorização da obra em prosa do autor ainda não publicada.

Lobivar foi buscar nos cenários dos bairros e subúrbios a seiva que alimenta sua prosa contística, possuidora de um estilo vigoroso, suas histórias prendem a atenção devido à caracterização do indivíduo e suas circunstâncias, fazendo disso um gerador de sentimentos de abandono-fracasso-desamparo como condição e lugar irrecorrível da pessoa dramática do escritor.

Em ambos os contos é possível observar a relação metalinguística estabelecida entre os personagens, os quais vivenciam experiências de leitura e escrita semelhantes a Lobivar Matos. Segundo Calhub (1997, p. 18) a metalinguagem tem início nos estudos sobre poética e pode ser percebida quando, numa mensagem, é o fator código que se faz referente, que é apontado. A lógica moderna aponta para uma metalinguagem cujo objeto é a linguagem-objeto, por isso, de forma resumida, a função metalinguística centraliza-se no código, ou seja, é a linguagem falando da própria linguagem.

A autora (idem, p. 32), afirma que, é preciso falar de duas formas de relação: a linguagem do significado e a linguagem do significante. Enquanto a primeira procura operar uma tradução do conceito, da interpretação, da definição de uma coisa, a segunda traduz as estruturas de significação.

A metalinguagem é um traço que marca a modernidade de um texto, representa o desvendamento do mistério, demonstrando o desempenho do emissor em sua luta com o código. Para Calhub (1997, p. 71), falar sobre linguagem no âmbito da literatura implica tornar o conceito mais específico, pois o material de que é feito o tecido da arte literária são as palavras, com elas o escritor trabalha semelhante ao crítico. Nos dois contos analisados, Lobivar exerce o papel de crítico de sua própria profissão: a literatura (poeta e contista),

utilizando através dos personagens situações que expressassem as dificuldades enfrentadas por um escritor na época em que vivia.

Para que a crítica apresente um sentido, é necessário que ela esteja aliada ao seu objeto. Assim, a crítica ao fazer literário realiza-se nos contos enquanto um espaço intermediário entre a obra e o escritor, onde o leitor é capaz de perceber pontos de sensibilidade nas articulações que envolvem o interior do texto.

Em ambos os contos, realiza-se uma crítica ideológica, conforme Calhub (1997, p. 75), ligada conscientemente às ideologias do momento: no primeiro percebe-se a ideologia da “inutilidade” dos livros e no segundo a de que, somente pessoas com um bom poder aquisitivo poderiam ter tempo para se dedicar à literatura, vista como um passatempo de intelectuais, não como uma profissão.

Além de realizar a análise estrutural de ambos os contos, pretendemos observar as visões de cada personagem sobre a vida literária comparando as semelhanças e diferenças entre os protagonistas para em seguida enfatizar o papel da metalinguagem nessas narrativas.

### **3.2. “O Mundo é uma livraria”**

Nesse primeiro conto o texto é dividido em três partes e o enredo gira em torno de um acontecimento aparentemente banal: o protagonista, sujeito mal humorado tem a missão de comprar presentes de natal para a família e a partir desse início, discute-se questões referentes à literatura, ao consumismo e à importância do fazer literário, criticando um tipo específico de literatura (A Literatura Infanto-Juvenil de consumo) e o protagonista, o qual não aprecia a arte e torna-se muito mal-humorado.

O que diferencia o conto dos outros gêneros em prosa é a sua unidade de ação, espaço e tempo, ou seja, é uma narrativa que gira em torno de um único conflito. No conto “O mundo é uma livraria” o espaço inicial onde se desenrola a cena que origina o conflito é a casa do protagonista: o extranumerário Marcolino Guimarães, um homem profundamente insatisfeito diante da vida, muito apegado às exigências materiais da sociedade moderna.

Uma de suas muitas insatisfações é com o mundo cultural, observada logo no início da narração:

Decididamente não era possível fazer-se alguma coisa com aquele barulho dos diabos no segundo andar. A professora de piano estragava o apetite, tirava o sono e

quando se juntava ao aluno de canto, seu Marcolino almoçava correndo e tinha vontade de fugir. (MATOS, p. 02)

É possível notar a partir da leitura desse fragmento que o protagonista nutria uma profunda aversão à música e ao canto, já que considerava apenas um “barulho dos diabos”.

O relato do conto se passa no mês de dezembro, próximo ao natal, um período de festas, propício às músicas e alegrias, antes desse momento específico não sabemos como foi a vida do protagonista e nem temos qualquer alusão ao seu futuro.

Moisés (1967, p. 42), afirma que o conto é um recorte da fração decisiva e mais importante de uma parte da vida dos personagens, sendo que o passado e o futuro não importam muito. Assim, os protagonistas deixam de ser anônimos no exato momento em que a narração começa. O futuro acaba se tornando previsível a partir do desfecho do conto, conforme os atos do protagonista, indicativos do rumo que cada um irá tomar na vida.

Marcolino, o personagem principal, circula por vários espaços durante a trajetória do conto, mas são ambientes neutros, ou seja, não é o lugar onde irá se desenrolar a cena principal, apenas prepara para o momento do clímax que se realiza num espaço único. Dentre os cenários sem drama presentes no conto, ressalta-se:

- Casa do protagonista: “Marcolino Guimarães, extranumerário, empurrou o prato, desligou o rádio... e se foi para o quarto” (p. 02).
- Cafeteria: “Suspirou alto. Entrou num café” (p. 03).
- Praça da cidade: “Com os nervos espatifados, saltou na Praça Tiradentes” (p. 03).

Porém, é na livraria que se desenrola o conflito central de Marcolino, um homem que enxerga o Natal como uma época onde se gasta demais. Assim ele entra no comércio antevendo as enormes dívidas que irá fazer para comprar presentes para os filhos, para a mulher e parentes.

É nesse espaço que Marcolino manifesta sua visão negativa quanto à literatura:

– Livros, muitos livros! Mas de que valem? Quanto papel gasto à toa? Quanto suor derramado inutilmente! Quanto esforço dispendido sem resultado! Dizem que o mundo é um hospital... Pode ser... Mas, antes de hospital, é uma livraria. É que livraria! Contudo, a humanidade continua sendo a mesma de todos os tempos. (MATOS, p. 04)

Com essa fala, o personagem vivifica sua crítica metalinguística à profissão de seu próprio criador Lobivar ao afirmar que, apesar dos livros, o mundo não muda, continua materialista e movendo-se ao redor do dinheiro.

Na loja de brinquedos ocorre outro conflito, inicialmente para escolher o brinquedo desejado, a maioria incitando à violência:

Bem à porta, um tanque de guerra, uma metralhadora e máscaras contra gases. Mais adiante automóveis de corrida, espingardas, revólveres, bicicletas blindadas, cornetas, bombos. (MATOS, p. 06)

A seguir envolve-se em um novo conflito com o vendedor, pois não consegue chamar-lhe a atenção: “Ia pedir algo, mas uma senhora passou-lhe a frente” (p. 06). A movimentação na loja é tão grande que ele desiste de comprar os presentes.

Não existe qualquer referência ao tempo durante a narrativa, sabemos que é cronológico e obedece a uma linearidade, provavelmente no dia 23 de dezembro: “Amanhã é véspera de natal” (p.03). Notamos que o protagonista faz sua refeição, vai ao trabalho, na volta visita as lojas procurando os presentes, todavia o conto segue a unidade de tempo na medida que todo o conflito ocorre em um ou dois dias da vida do personagem.

Segundo Moisés (1967, p. 45), os componentes da narrativa obedecem a uma estrutura harmoniosa, com o objetivo de provocar no leitor uma só impressão, seja pavor, ódio, simpatia. Ao leitor de “O mundo é uma livraria” fica uma certa piedade pela imensa tristeza e desprezo do protagonista diante da comercialização das festas natalinas.

O núcleo do conto, ou situação dramática da narrativa, é a imposição das compras no natal, tanto que Marcolino pensa em não comprar os presentes: “E se desta vez bancasse o esquecido?” (p. 04). Mas, logo desiste com medo das reações: “A mulher não lhe perdoaria, os filhos chorariam, os parentes ficariam de cara feia...” (p. 04).

Além do protagonista, poucas são as personagens que transitam em cena, a maioria apenas são citadas, mas não participam da ação: a professora de piano, o aluno de canto, os filhos, os parentes, a multidão nas ruas, o vendedor na livraria, enquanto que outros contribuem para aumentar a raiva e impaciência de Marcolino, como o garçom da cafeteria:

O garçom cheirava mal e servia pessimamente. Demorou a atendê-lo e quando o fez, deixou transbordar a xícara. (MATOS, p. 04)

Além do garçom ser mal-educado, pingou café na calça de Marcolino, já os vendedores da loja de brinquedo não lhe deram nenhuma atenção, fazendo com que se sentisse mais desolado ainda.

A mulher, D. Matilde, nos surge completamente alheia aos conflitos do marido, mas quando Marcolino não termina a refeição, tenta descobrir o motivo do mau humor do marido:

\_ Será possível, Marcolino, que você não queira comer? Belisca e não come. A comida não está boa? Que é que tem, homem de Deus? (MATOS, p. 02)

Mesmo assim ela não esquece que o natal se aproxima e cobra: “\_ Papai Noel não virá este ano para nós?” (MATOS, p. 03). Essa exigência perturba o protagonista durante toda a narração, por isso, pode-se dizer que D. Matilde é a personagem causadora do conflito principal de Marcolino: a necessidade de comprar, mesmo sem querer e sem ter dinheiro para tal.

Lobivar utiliza uma linguagem clara e objetiva, não usando muitas figuras de linguagem que dariam margem a interpretações ambíguas. A metáfora central localiza-se na comparação do mundo com uma livraria devido à inutilidade de muitas coisas como o consumismo exagerado no Natal:

Dizem que o mundo é um hospital... Pode ser... Mas, antes de hospital, é uma livraria. E que livraria! Contudo, a humanidade continua sendo a mesma de todos os tempos... (MATOS, p. 04)

Com esse pensamento, o protagonista enfatiza uma crítica às leituras sem aproveitamentos, aos livros que servem apenas como produto comercial, sem produzir grandes mudanças em seus leitores. No decorrer do conto, prevalece o discurso direto, ou seja, os personagens falam diretamente uns com os outros:

\_ Era a comida, meu filho?  
\_ Não! Balbuciou Marcolino, olhando o tétó. (MATOS, p. 02)

Ao utilizar o discurso direto, o narrador nos coloca diante dos fatos, tal qual eles aconteceram, isto é, a comunicação entre leitor e narrador realiza-se diretamente.

Encontramos neste conto passagens narrativas e descritivas. A narração condensa os fatos ligados ao passado próximo ou não, que são importantes para o bom entendimento da história:

Desde o início daquele dezembro quente vinha pensando na vida apertada, nos presentes de Papai Noel para os filhos e os parentes da mulher, nos compromissos morais que assumira e que os seus magros vencimentos não podiam saldar com a devida rapidez. ((MATOS, p. 02)

A descrição dos personagens não é realizada no conto, talvez por se tratar de pessoas comuns e não merecerem destaques físicos ou psicológicos, o que ocorre, às vezes, é a descrição de ambientes e ruas:

A multidão crescia mais à proporção que Marcolino Guimarães se aproximava do centro. Mulheres bonitas e feias, velhas faceiras e emproadas, velhos sapecas que entravam e saíam de portas entupidas, todo aquele movimento não conseguiu desviar por um momento o ódio do extranumerário contra os chamados livros infantis... (MATOS, p. 05)

Por centrar-se na situação de conflito vivida pela personagem, o conto não se preocupa em caracteriza-las de forma minuciosa.

Em relação à trama do conto, desenrola-se desde o início seguindo os acontecimentos do cotidiano:

- Marcolino faz sua refeição logo no começo;
- Lamenta sua falta de dinheiro;
- Vai trabalhar;
- Encerra o expediente;
- Vai até uma cafeteria;
- Procura os presentes de natal.

Todos esses acontecimentos são pormenores que contribuem para carregar o nó dramático do conflito, assim o protagonista vive um dia corriqueiro, mas a proximidade do natal detona o estopim conflituoso que percorre toda a narrativa.



O narrador do conto além de observar todos os passos da personagem também conhece um pouco o seu estado de espírito, sua frustração e sua raiva, embora não se prenda muito em detalhar o inconsciente de Marcolino: “Com os nervos espatifados, saltou na Praça Tiradentes.” (MATOS, p. 03).

O narrador evita intrometer-se na história e desenvolve-a como um observador, a penetração psicológica é mínima em favor da ação para tornar a narrativa linear e menos complexa.

De acordo com Moisés (1967, p. 75), a classificação mais pertinente para o conto “O mundo é uma livraria”, ao menos na superficialidade, seria o “conto de personagem”, pois através da leitura temos contato profundo com a vida de Marcolino e suas insatisfações. Todavia, numa camada mais profunda podemos inferir que também se trata de um conto de ideias à medida que implica uma visão crítica sobre a existência humana em sociedade, fazendo o leitor refletir sobre alguns pontos:

- O consumismo do natal: “E depois falam em crise – pensou Marcolino. – país maravilhoso êste!” (MATOS, p. 03)
- O materialismo da vida moderna: “Sapatos. Sapatos. E caros, caríssimos. De 100 até 300 cruzeiros”. (MATOS, p. 05)
- A violência que invadiu o mundo infantil: “Livros infantís! Que estupidez! Histórias absurdas de crimes e criminosos. Aventuras nas selvas...” (MATOS, p. 05)
- A imposição da sociedade que exige dos cidadãos um certo tipo de comportamento.

Todas essas ideias emergem das situações vividas por Marcolino nesse momento específico. A confirmação do protagonista de que os livros infantis estão repletos de violência reflete a própria crítica do autor que vê as mudanças sofridas na literatura com o advento da modernidade e obriga seu personagem a tomar uma atitude drástica, preferindo a loja de brinquedos aos livros, porém no final desiste da compra ao não ser atendido pelos vendedores.

O leitor termina a leitura do conto com uma dúvida: Afinal Marcolino comprou os presentes de natal ou não? Escolheu um brinquedo ou um livro? A atmosfera de tensão presente desde o início da trama continua até o final, que é abrupto e sem uma resolução “E se perdeu na multidão” (MATOS, p. 06).

Na realidade não existe um desfecho definido, afinal existem muitas perguntas sem respostas, isso significa que o desenlace não ocorre claramente porque essa não era a intenção principal do autor que coloca as questões críticas exatamente na tentativa de incomodar e fazer o seu leitor refletir sobre a situação do personagem.

Assim, o mais importante não é saber se Marcolino comprou ou não os presentes de natal, mas se perguntar até que ponto a literatura pode influenciar o consumismo e deixar claro os grandes males da sociedade: violência, guerras, crimes...

Livros infantis! Que estupidez! Histórias absurdas de crimes e criminosos. Aventuras nas selvas...” (MATOS , p. 05)

Conforme Moisés (1967, p. 84), o desenlace aberto nos contos interrompe-se no ar, os conflitos não são resolvidos. Assim, cabe ao leitor supor que a história ultrapassa os limites ficcionais e as personagens continuam suas vidas, pois o que nos foi apresentado representa apenas um rápido momento de seu cotidiano.

No próximo conto a ser analisado temos algumas semelhanças com esse primeiro, pois também aborda os conflitos de um personagem masculino envolvido com a literatura, mas de uma maneira diferente de Marcolino.

### **3.3. “Mourão, poeta e profeta”**

Tal qual o primeiro conto, este aborda a questão da literatura poética, todavia com um olhar totalmente diferente, engrandecendo o valor artístico em um personagem mais jovem e inconsequente, evidenciando a ridicularização do protagonista e toda sua linhagem familiar.

Se no conto de Marcolino predominou o materialismo, em “Mourão, poeta e profeta” a veia literária e idealista vence as preocupações materiais que serão consequência da vitória enquanto intelectual, tanto que o protagonista abandona uma vida de segurança com a família, no interior e pretende aventurar-se na cidade grande, utilizando como modo de vida apenas o fazer literário.

A primeira parte do conto, dividido em nove partes, é totalmente voltada para a narração do nascimento, infância e adolescência do protagonista Mário Mourão, em Vila Mercedes:

Quando Mário Mourão veio ao mundo, chorão como êle só, o jornal “Estrela do Sul”, do coronel Estanislau de Menezes, velho amigo da família, noticiou com destaque, na primeira página, o nascimento do “futuroso rebento”... ((MATOS, p. 02).

O narrador relata a história da família Mourão, todos poetas e grandes oradores:

Seu bisavô legou à família envaidecida e gloriosa todas as gavetas da secretária cheias de poemas montanhosos e de sonetos metrificados a rigor. ((MATOS, p. 02)

O espaço onde se desenrola a narração do momento inicial, preparando o leitor para o encontro com o protagonista já adulto é a pequena Vila Mercedes, lugar em que os dotes artísticos da família eram muito valorizados, reconhecimento comprovado pelo fato do nascimento de Mourão ter sido relatado no jornal da cidade.

A partir desse momento a narrativa ocorre em tempo cronológico, mas não linear, avançando alguns anos: “Certa vez (e Mourão já contava 10 anos)”... ((MATOS, p. 02).

O conflito do poeta começa a ser desenhado já nessa primeira parte quando a família discute sobre a profissão do jovem rebento. A mãe o queria médico, todavia a glória e a fama de seus antepassados já haviam conquistado o protagonista que decide ser poeta, no objetivo de tornar-se importante e lembrado por toda a pátria.

Nesse momento do conto as personagens citadas têm apenas a função de complementar a caracterização do protagonista: o bisavô, o pai, a mãe D. Jandira, Sônia Miranda, a vizinha, coronel Estanislau, o dono do jornal, todos são elementos do provincianismo e de certa ingenuidade presente em toda cidade pequena, característica que acabou afastando Mourão:

Um dia, porém, o poeta-menino descobriu que a Vila Mercedes, que o coronel Estanislau e o seu jornal, que tudo aquilo que o rodeava era mesquinho e irrisório para os seus grandes sonhos. ((MATOS, p. 04)

Após a fuga do poeta, o narrador nos apresenta um novo cenário: a cidade do Rio de Janeiro. Nesse ponto há uma semelhança com o próprio autor Lobivar, o qual também saiu de Corumbá, cidade do interior e foi para o Rio de Janeiro onde publicou e trabalhou com muitos escritores de seu tempo.

A partir dessa fase, o narrador em terceira pessoa passa a utilizar o diálogo em discurso direto e insere novos personagens secundários no enredo, girando em torno de Mourão:

...Pensou na namorada, no que lhe fizera e acabou jogando Rosa pela janela, quando ouviu a voz de Viégas:

\_ Mourão! Mourão! ((MATOS, p. 04)

A unidade dramática do conto gravita ao redor do conflito central do protagonista, o qual busca atingir a fama através da literatura. Em todos os momentos a ação é externa ao personagem, sendo que o narrador apenas observa os acontecimentos e infortúnios na vida de Mourão:

Naquela tarde de março, Mário Mourão resolveu fazer companhia a Castro Alves:

\_ Deus! Oh! Deus! Onde estás que não respondes! ((MATOS, p. 04)

Essa unidade dramática é melhor compreendida quando consideramos que os ingredientes do enredo convergem para um único ponto, ou seja, a narração da infância de Mourão e de suas aventuras na cidade grande são importantes para nos revelar o modo de vida dos escritores jovens que buscavam o reconhecimento a partir de sua arte. Todos os elementos do conto convergem para uma única direção, girando em torno de um único drama: o desejo de se tornar um poeta famoso.

Logo no início da segunda parte o tempo já vem especificado pela citação do mês de março, além disso outros exemplos comprovam que predomina em todo o conto o tempo cronológico:

\_ Já leu o meu artigo de hoje? Que tal? Gostou? Está bom de verdade...

\_ Olha, Viégas, não se esqueça de minha conferência, amanhã! ((MATOS, p. 05)

Obedecendo à unidade de tempo, após narrar a infância do protagonista, o autor limita sua trama em apenas dois dias, nesse tempo o personagem realiza as seguintes ações:

- Conversa com Viégas na pensão onde mora;
- Telefona para o amigo Andrada;
- Visita a namorada Rosa;
- Vai até a casa de um amigo, volta bêbado, não paga o táxi e vai para a cadeia;
- No dia da conferência briga com alguns estudantes e volta para a cadeia: “O mesmo não aconteceu, porém, com o “futuroso rebento” da família Mourão. Fê-lo entrar” (MATOS, p. 10).

Todas as personagens são planas, elas aparecem mobilizadas no tempo, no espaço e nos traços de personalidade e, ao invés de crescerem no decorrer da narrativa, nos mostram apenas uma faceta de seu caráter, no caso de Mourão notamos as seguintes características psicológicas:

- Um jovem mimado: “Teve, assim, Mário Mourão, desde o berço, tudo a seu favor” ((MATOS, p. 02);
- Sonhador: “Um dia, porém, o poeta-menino descobriu [...] que tudo aquilo que o rodeava era mesquinho e irrisório para os seus grandes sonhos”. (MATOS,p. 04);
- Pessimista: “Principalmente, quando o provinciano é pobre, poeta e pessimista...” (MATOS, p. 04);
- Sem preocupações com suas obrigações financeiras: “Um dia lhe pagarei...e êsse dia está perto... (MATOS, p. 06);
- Superficial no amor: “Impaciente, Mário Mourão verificou as horas. Era tarde e precisava despedir-se de um amigo. Olhou Rosa de soslaio...” (MATOS, p. 07);
- Acusado de subversivo: “Disse-me que só pagaria quando êles tomassem conta desta “bodega”, desta “meleca”. Imagine, seu Delegado, chamando o Brasil de “meleca” (MATOS, p. 10).

Todos os acontecimentos que ocorrem ao jovem Mourão contribuem para sua conferência no encerramento do conto, sendo que o clímax da narração acontece quando o personagem volta à pensão onde morava para pegar suas coisas e acaba se envolvendo em uma briga com estudantes, sendo chamado à delegacia para prestar depoimento:

\_ Doutor... posso ir?... – perguntou Mourão, levantando-se.

O delegado deixou o fone, fechou a cara:

\_ Não... vai ficar de castigo!

\_ Mas, doutor – balbuciou Mourão – já está anoitecendo e seu vou...

\_ ... ficar de castigo – adiantou o delegado...

\_ Mas doutor... vou fazer uma conferência, agora mesmo... (MATOS, p. 11).

A conferência é o evento esperado e desejado pelo protagonista que vê nesse evento a possibilidade de ser reconhecido enquanto orador, pois até o momento não conseguira a fama

tão almejada, afinal no Rio de Janeiro ele era apenas mais um aspirante a poeta e à fama, enquanto que em sua cidade natal ele era o “futuroso rebento”, orgulho de toda a família.

O foco central desse conto, assim como o anterior, também é o personagem, por isso todos os acontecimentos e personagens funcionam como elementos que indicam a caracterização de Mourão enquanto poeta e profeta.

O título do conto é repetido pelo protagonista numa conversa de telefone apenas uma vez: “\_ Alô? Alô? É a taba? Sim? Aqui é o poeta Mourão, poeta e profeta” (MATOS, p. 05).

Segundo Tersariol (1990, p. 634), no dicionário Eldebra, profeta é aquele que prediz o futuro por inspiração divina, ou é um título que os muçulmanos dão a Maomé. E o protagonista assim se autodenomina por acreditar em seu ideal de liberdade, usando sua oratória para transmitir uma verdade que está acima de sua condição humana.

O momento triunfal do personagem ocorre quando ele consegue realizar sua conferência:

...o “futuroso rebento” da família Mourão lançou uma porção de impropérios contra os seus semelhantes que não querem compreender onde está a verdade. Chamou a muitos de traidores e sanguinários, a outros de bandidos, celerados e vendidos. (MATOS, p. 11)

Ao contrário do conto anterior, “Mourão, poeta e profeta” encerra com um desfecho fechado, propício à luta do herói. Desde o início da narrativa acompanhamos a saga de Mourão para a realização de sua conferência e quando o conto termina notamos que ele finalmente consegue o que deseja: “Quando o conferencista fez silêncio, a multidão o aplaudiu delirantemente”. (MATOS, p. 11)

Com isso o conto mostra a resolução do conflito central do personagem a partir da participação de Mourão na conferência, assim alcançou seu objetivo e os fios do enredo se entrelaçaram para o encerramento.

Como forma de comparação entre os dois protagonistas analisados, a tabela abaixo mostra as semelhanças e diferenças entre Marcolino e Mário Mourão:

Semelhanças	Diferenças	
<b>Marcolino e Mário Mourão</b>	<b>Marcolino</b>	<b>Mário Mourão</b>
Questionam o papel da literatura na sociedade;	É um pai de família, assalariado;	É jovem e não tem emprego fixo;
São pobres;	Tem medo de decepcionar a família;	Abandona a família;
Frustram as pretensões da família (Marcolino não compra os presentes de natal e Mourão não se torna médico);	É tímido e não se impõe;	Diz o que pensa sem medo;
São solitários.	É materialista;	É idealista.

Analisando esses dois contos, até então ainda não publicados, podemos afirmar a genialidade de Lobivar, não apenas no cenário da poética, mas também na prosa literária. De acordo com Araújo (2007, p. 03), nos documentos do autor que ainda não foram editados, encontram-se uma coleção de 13 contos, os quais são: “Noiva das arábias”, “Cara de santo”, “Mourão: poeta e profeta”, “O menino dos níqueis”, “Seu Lobo virou Lobinho”, “Julieta fugiu com o leiteiro”, “O mundo é uma livraria”, “A vingança do Prof.º Irineu”, “D. Constança pôs o burro n’água”, “Joaninha Vintém”, “Cenário provinciano”, “Pensamento de Doninha” e “Meu filho nasceu na Rua”.

Podemos concordar que o autor explora o relato de acontecimentos referentes a episódios do cotidiano não somente dos personagens envolvidos, mas, também de pessoas presentes no mundo real. Na construção de seus contos, observamos um número bastante limitado de personagens e ambientes, fazendo surgir diante dos olhos de seu leitor descobertas que até então permaneciam ocultas.

Demonstrando grande domínio do material narrativo, para falar sobre o fazer literário, o contista Lobivar combina acontecimentos do cotidiano, inserindo protagonistas semelhantes a pessoas reais, atraindo a atenção do leitor para o contexto da produção cultural, mais especificamente no terreno fértil da literatura.

Os contos são figurativos para apresentar ao leitor ambientes simples, de conhecimento do grande público: casas, ambientes públicos, como livrarias, cafeterias. Assim, apesar de não precisar necessariamente de uma ligação com o real, pois trata-se de uma ficção, o conto prossegue abordando fatos corriqueiros, obedecendo a uma estrutura mais condensada.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização dessa pesquisa procuramos demonstrar o quanto a literatura sul-mato-grossense é dotada de uma riqueza imensa, sendo de fundamental importância para a construção de nossa identidade cultural o conhecimento de poetas e contistas que viveram em nosso estado e que, por diversas razões permanecem no injusto anonimato.

A leitura desse trabalho é indicada a toda a comunidade interessada em desvendar uma faceta pouco conhecida do poeta Lobivar Matos, a de contista, retratando em seus personagens simples, relações complexas como a relação entre literatura e escrita, utilizando a metacrítica como um instrumento para expressar sua ligação com a vida literária, nem sempre feliz.

Sendo assim, o objetivo que norteou o presente trabalho foi analisar o papel da metalinguagem como metacrítica e seu caráter fundamental para a formação das narrativas estudadas. Através desse início, procuramos estabelecer a relação mantida entre o poeta Lobivar Matos e o povo, relatar algumas das características mais marcantes do poeta e, também contista, e realizar a análise estrutural de ambos os contos, enfatizando a metalinguagem nos escritos do autor.

Após realizar a análise dos contos, percebemos que o contista utilizou em seu discurso personagens construídos a partir do imaginário popular: pessoas comuns, idealistas, revoltadas com a vida, mas acima de tudo com fortes traços de humanidade, dotados de defeitos e qualidades como o pessoal com quem o autor estava acostumado a conviver e admirar. Com este trabalho pretendemos enfatizar a importância de novos estudos sobre esse autor, até mesmo para que as novas gerações conheçam e aprendam a valorizar o que temos de belo em nosso estado, ressaltando que Lobivar Matos representa um vasto campo para futuros projetos de pesquisas, pois sua obra deixa em aberto várias questões a serem discutidas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Susylene Dias de. (org). **Obras reunidas de Lobivar Matos**. Campo Grande: UFMS, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os Escritos Inéditos de Lobivar Matos: Em Busca de Novos Lugares**. Encontro Regional da Abralic – Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo: USP, 23 a 25 julho, 2007.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

D' ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 1- Prolegômenos e Teoria da Narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do Conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso – Século XX**. 1ª ed. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MARIA, Luzia de. **O que é Conto**. São Paulo: Braziliense, 2004.

MATOS, Lobivar. **O mundo é uma livraria**. [texto inédito].

\_\_\_\_\_. **Mourão, poeta e profeta**. [Texto inédito].

MIGUEL, Lucia Pereira. **Prosa de Ficção de 1870 a 1920**. 3ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio: Brasília INL, 1973.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa I**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (org). **Ciclos de literatura comparada**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1989

[http://www.antoniomiranda.com.br/Brasilsempre/lobivar\\_matos.html](http://www.antoniomiranda.com.br/Brasilsempre/lobivar_matos.html)>Acesso em 17/12/2009

**ANEXOS**